

## TRADUÇÃO

### Cartas sobre pintura de paisagem

### Briefe über Landschaftsmalerei

Carl Gustav Carus

Tradutor

Damião Esdras Araujo Arraes<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo – USP<sup>2</sup>

### **SOBRE CARL GUSTAV CARUS E SUAS CARTAS SOBRE PINTURA DE PAISAGEM**

Carl Gustav Carus nasceu, em 3 de janeiro de 1789, na cidade de Leipzig. Seu pai, August Gottlob Carus, veio de uma família de comerciantes dedicada à tinturaria. Para receber uma melhor educação, o pai de Carus decidiu enviá-lo à casa dos avós maternos. Ali, ele receberia, até os 12 anos de idade, aulas domiciliares, bem como passou a admirar o seu tio, Daniel Jäger, naturalista que havia estudado química na França durante o efervescente período da Revolução Francesa. A paixão pela química e ciências humanas foi o legado do tio. Em suas memórias - *Lebenserinnerungen und Denkwürdigkeiten* -, publicadas em 1865, Carus relembra dos tempos felizes da infância em Leipzig, onde mantinha seus olhos atentos ao cotidiano da cidade, à igreja gótica local, ao mercado medieval, aos jardins e ao tribunal.

Em 1804, iniciou a educação universitária. Botânica foi sua primeira opção. Assim como Rousseau, ele apreciava herborizar plantas desconhecidas. Depois de um tempo, se matriculou em zoologia, química e física. Mais tarde, em 1809, se formou na faculdade de medicina. Por um tempo, exerceu a docência na

---

<sup>1</sup> Pesquisador de pós-doutorado do departamento de FFLCH-USP. Bolsista FAPESP (processo nº 2017/12296-2)

<sup>2</sup> E-mail: [esdrasarraes@usp.br](mailto:esdrasarraes@usp.br), Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0374-7401>

Universidade de Leipzig e a medicina no hospital Saint Jacob. Nesse período, há uma rica produção científica, como seu artigo *Vorlesungen über einen Teil der vergleichenden Anatomie* (Preleções sobre uma parte da anatomia comparada). Em 1811, se dedicou à filosofia, tendo com o professor Friedrich Wilhelm Joseph Schelling.

Anos mais tarde, mudou-se para Dresden, fazendo parte de um grupo de pintores de paisagem junto com Caspar David Friedrich, seu amigo. Os quadros de Friedrich receberam especial relevo na redação das primeiras cartas de seu opúsculo *Briefe über Landschaftsmalerei* (Cartas sobre pintura de paisagem), da qual traduzimos a primeira carta como exercício de uma pesquisa de pós-doutorado realizado no departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processos nº 2017/12296-2 e 2018/19708-7) e supervisionada pelo Prof. Titular Marco Aurélio Werle.

Escrita de 1815 a 1824, mas publicada em 1831, a obra *Briefe über Landschaftsmalerei* estabelece, via teoria, história e filosofia da arte, uma conexão profunda e apaixonada do entendimento das categorias “natureza” e “pintura de paisagem”. As cartas podem ser divididas em dois grupos: as cinco primeiras descrevem a natureza em termos poéticos e religiosos. Há uma aproximação com a maneira de Friedrich representar a paisagem segundo a estética do Romantismo. Nesse aspecto, Carus se distancia do pensamento goethiano ou mesmo de paisagistas do classicismo, como Jakob Philipp Hackert, na medida em que o poeta acreditava que a pintura de paisagem deveria reproduzir com os objetos naturais e seus fenômenos particulares, não cabendo ao pintor comunicar na tela unicamente as aventuras da subjetividade, mas unificar empiria com emoção. Friedrich, ao contrário, apresentava um certo estado de ânimo ou atmosfera (*Stimmung*) que desafiava as preceptivas da pintura de princípios do século XIX. As quatro últimas cartas, ao contrário das iniciais, indicam a positiva interação entre ciência e sensibilidade, sintonizando-se com a heurística viva de Goethe e com os estudos da natureza de Alexander von Humboldt, amiúde citados nos textos. Em vez de subsumir a natureza desenhada em paisagem numa dimensão mística, como transcorre nas primeiras epístolas, Carus a relaciona à vida, ou como ele denominou, a pintura paisagem seria *Erdlebenbildkunst*, a representação artística da vida da terra.

A tradução que segue da primeira carta assume a categoria *Stimmung* como um dos fundamentos, senão o principal, de sua composição literária. Para Carus, é por meio de um certo estado de ânimo que o artista consegue exprimir, em formas, os segredos da natureza entendida como divina. Esta só se revela à alma sensível intimamente relacionada com a atmosfera envolvente. Outro aspecto abordado é a tríade poesia – música – arquitetura, três manifestações do sensível que anunciam a verdade da obra de arte e da natureza.

## CARTA I

A neve escorre fria e úmida na janela, me envolve uma profunda quietude, o quarto está confortavelmente aconchegante, e nas longas e enturvadas noites do primeiro inverno, a lâmpada acendida espalha uma graciosa luz crepuscular ao meu redor. Certamente, em tais momentos, nada pode ser mais amigável do que dar espaço a pensamentos tranquilos, os quais, espalhados por objetos de arte, pouco a pouco nos levam cada vez mais ao reino da beleza, fazendo-nos esquecer os dias turvos e renunciar da memória estados de ânimo (*Stimmung*) outrora desconfortáveis. Meu querido Ernst, acolha os contornos do meu pensamento que meu espírito se ocupa em tais horas, e veja nessas cartas a realização de uma antiga promessa, segundo a qual eu havia prometido esclarecer meu ponto de vista sobre o significado e objetivo da arte em geral e da pintura de paisagem em particular. Entretanto, poderia ser que procure em vão, em tais reflexões, uma ordem constante e uma amplitude suficiente, e facilmente perceba algo fundamentado unicamente em minha individualidade que não se confira em outras; então, para falar como Hamlet, tome-o como bolhas geradas em meu cérebro, e me mostre, onde você possa, um melhor e direto caminho.

O que eu menos gostaria nessa ocasião é que você, igualmente como alguns modernos, se submetesse a falar ou escrever sobre a arte e beleza com aviltamento ou mesmo profanando-as, como se pudesse aplicar aqui somente o sentimento e a sensibilidade, como se a profundidade e a clareza fossem aqui totalmente incompatíveis. O ser humano é de fato sempre um, quando sente corretamente a si, e somente manifestando-se como uma totalidade é capaz de elevação e de beleza; como deveria então destruir ou esfriar aquilo que dá calor ao sentimento o fato de esclarecê-lo também para o espírito? Sim, como deveria conhecer com suficiente profundidade sem dar acolhida à beleza, que em últimos termos não é senão o geral e o acabado (COSMOS), se não o abraça com toda a alma? Decerto, esta é minha convicção determinada, que sem uma íntima agitação do ânimo toda arte jaz morta e enterrada, pois com um frio cálculo de contraste e com conceitos de entendimento somente se logra arrastar à luz uma poesia deformada, e eu subscrevo incondicionalmente o que o mestre diz com humor:

Os discursos são todos incapazes de reproduzir o mundo e, tampouco, não se produz obra de arte.

Sozinho, assim eu verifico diariamente, que o sentimento abandonado completamente a si mesmo lhe faz falta a segurança e a tranquilidade interiores, pois:

A ninguém se fixam  
as solas incertas,  
e joga-se com elas  
nuvens e ventos

Eu sinto que um verdadeiro estado de ânimo (*Stimmung*) poético é a elevação de todo o ser humano que reclama a totalidade das forças da alma, e vejo o engano de quem, precisamente graças à uma dupla reflexão, lança qualquer reflexão em assuntos de arte. Assim, eu não mais receio abranger a beleza com toda as ramificações de minha alma; eu só chego a experimentar o completo e autêntico prazer poético quando se juntam ante a obra de arte as vivas exigências de meus sentimentos com claro entendimento da perfeição interna e com a unificação de uma vontade pura no artista; um prazer que então, fundado na beleza, na verdade e na justiça, não diminui por mais que se repita a contemplação da obra, convertendo-se em selo da obra de arte clássica. Deixe-nos, portanto, propagar uma vontade livre e interior. Deixemos que os pensamentos se estendam pelas vastas regiões da beleza, tão certo como que não observamos com menor prazer desde de cima de um monte depois de percorrer o vale serpenteante, senão que realça a impressão do conjunto ao repetir e somar nela o prazer que sentimos antes em cada lugar. Tampouco uma série de ideias que vagueiam em torno de tais objetos não devem danificar a alegria nem a vivacidade do lugar que sentimos diante das maravilhosas e misteriosas ponderações da arte; igual que em toda autêntica investigação da natureza, não se deve conduzir o ser humano ao umbral dos mistérios ainda mais elevados, e enchê-lo de um estremecimento mais sagrado, não esperamos outra coisa de uma reflexão franca sobre a arte; embora dificilmente se lhe possa censurar aos artistas sua indignação ante tanto palavreado e tão chacoalhada estética em cátedras e livros.

267

Não parece magnífico para você, querido Ernst, sempre requintando toda recriação, toda imitação de uma eterna e contínua criação do mundo, essa livre produção e reprodução do maravilhoso e imenso gênio artístico? Onde o ser humano seria capaz de criar a mínima coisa viva, onde leva uma ciência diretamente ao ânimo, senão mais que à morte e decomposição? Decompõe-se a folha da planta em sua célula, estames, vasos e fibras, a anatomia comparada nos ensina a dissecar ao menor dos animais em formas ainda menores, e, entretanto, com toda a ciência, quem é capaz de animar ao minúsculo ácaro, decompor a menor das folhinhas? – E agora considere a criação da arte que, embora não vive por si mesma na realidade, mas para nós poderia vivo aparecer, como criadas pelo ser humano, autenticando o parentesco do ser humano com o espírito do mundo (*Weltgeiste*). Pense em todos os caracteres, cujos sentidos e discursos criados pelo poeta trazem aos nossos olhos a verdade das formas.

Eu sei que são eternas, porque existem.

Disse Tasso, ou antes, Goethe, com razão sobre seus objetos. E todo Aquiles, Odisseu, Orlando, Sigismundo, Hamlet, toda Eleonora do Este, toda Ofélia, toda Gretchen não são todos eles, como nós sabemos, criações de uma arte divina, como se todos eles houvessem em vivos se transformado; nós não sabemos de seus

Tradutor

Damião Esdras Araujo Arraes  
Toledo, v. 5, n.º 1 (2022) p. 264-268

pensamento e ação como de um amigo distante? Mas quem então suscita o espírito do espírito, senão aquele mais poderoso que muitos? E o ser humano não deve elevar-se, no caso de tal força nele se encontrar? Desde a poesia voltemo-nos agora à harmonia dos sons! Mais fugaz que a imponente poesia, embora é certo que a música não pode criar facilmente com ânimo suas paixões e atos, mas é perfeitamente capaz de captar um momento, um determinado estado de ânimo da alma, introduzindo na vida uma infinita força, arrastando-nos involuntariamente com este estado de ânimo, como se todos os sons fossem amigos íntimos, que com poder nos banuiu de seu círculo e sensações. O mesmo se aplica então para a arquitetura, embora de uma maneira diferente e aprazível, pois ambas se mantêm afastadas daquilo que é propriamente formação da natureza, expressam-se em puras relações, esta temporal, e aquela outra espacial, e formam-se em associação com a poesia a primeira e gloriosa Trindade, as quais, como o mais sublime acorde, podem mover o peito humano, pois Deus, revelando-se livre e imediatamente nas formas artísticas, cria o homem, se aproxima ao mesmo tempo e o eleva. Sim, não parece também a ti que nessas três artes e três reinos da natureza, as três formas fundamentais do pensamento, aquela organização interna tripartida que os filólogos encontram no ser humano, que existe um relacionamento íntimo entre as três cores e sons primários, cuja profundidade nós podemos apenas supor e que nunca a descobriremos?

Querido Ernst, essas coisas me fazem como se estivesse em uma ladeira íngreme de uma montanha. Como se ao meu lado uma violenta tempestade me empurrasse ao abismo; mais e mais novas ondas estão a vir, e todas caem no insondável; com todo o rio segue cheio, e não é menos firme a rocha que subo.

Hoje não posso mais escrever.  
Seu Albertus

Submetido: 12 de setembro de 2021

Aceito: 11 de outubro 2021